



## **Estudo a cerca do caso Felipe Brendo: análise de imagem publicada em jornalweb <sup>1</sup>**

Yasmin Iara Lima GUEDES <sup>2</sup>

Maurício Elias ZOUEIN<sup>3</sup>

Universidade Federal de Roraima, UFRR

### **RESUMO**

Este artigo vai trabalhar o método semiótico usando a Semiótica Russa. Vai mostrar como a tríade da cultura pode significar nos campos da fotografia, neste caso, a imagem de Felipe Brendo, vítima de tentativa de homicídio ocorrido no início de 2013 em Boa Vista Roraima. O uso de conteúdo sensacionalista atrai a atenção do internauta para o conteúdo publicado, complementado com a foto e o sangue derramado da vítima.

**PALAVRAS-CHAVE:** sensacionalismo; webjornalismo; semiótica da cultura.

### **A Semiótica e sua história**

O termo semiótica vem do final do século XVII, *Semeiotik*, *Semeio* = signo, é a ciência que estuda os signos e seus significados. Os primeiros semioticistas foram os filósofos Platão (427 - 347) e Aristóteles (384 - 322). Acredita-se que a semiótica é antecedente ao homem, pois essa característica é referente à interpretação dos signos, como os fenômenos naturais e mudanças comportamentais do ambiente. A natureza, as coisas, tudo possui enigmas, sendo assim o surgimento do mito.

Segundo Nöth (2003) a semiótica propriamente dita encontra seu ancestral mais antigo na história da medicina. Os médicos da época analisavam os sintomas para diagnosticar uma doença usando três métodos: o estudo do paciente (anamnética), os sintomas (diagnóstica) e o futuro do paciente (prognostica). Esses sinais eram analisados até chegar a causa da doença, relacionando cada sintoma com o fatores da época.

Inicia a semiótica propriamente dita no período Greco-Romano. Para Platão a verdade transmitida pelas palavras está sempre aquém do conhecimento (sem intermediários) (Gambarato, p. 208), ou seja, ele definiu o signo em tríade: nome, a noção e a coisa referida. A representação do signo está na ideia representada da coisa, não fica só na mente. O primeiro

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Junior – XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: yasminiara@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador. Professor efetivo do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordenador no Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS/UFRR). Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Cultura e Tecnologia (LCT/NUPS/UFRR). E-mail: mauriciozouein@gmail.com



momento se refere a representação dada a coisa, através de palavra que pode representá-la e dar-lhe um sentido, é a absignificação. Uma palavra pode estar carregada de significados.

Para Aristóteles o signo está na forma como a ideia implica na coisa. Exemplo: se A implica em B, então A atua como signo de B. A coisa só é coisificada se algo o preceder. O signo, para Aristóteles, permite a indução entre duas proposições. Seu modelo sígnico é, portanto, triádico (p. 206). A coisa referida é algo não pensante, desprovida da capacidade de raciocinar. Quando coisificamos alguém estamos dizendo que ela não raciocina, como se fosse um objeto sem vida própria.

Um importante colaborador e conhecedor dos signos era Aurélio Agostinho (354 - 430). Para ele o signo é de causa natural, sendo carregada por um sentido e interpretação. Signos naturais, segundo Agostinho, não provêm de uma produção voluntária, correspondem a uma causa natural. Signos dados supõem a intencionalidade. São aqueles por meio dos quais os seres manifestam aquilo que pensam e sentem (p. 206). Os fenômenos da natureza eram usados como previsão de algo que estivesse para acontecer. A tríade de Agostinho era Coisa (persuadida pelos sentidos), Significado e Interprete (o resultado da percepção).

Os Epicuristas (a.C. 300) ligavam os signos a imagem do objeto. Noth (2003) fala que para os epicuristas os signos são compostos por imagem emitida e imagem refletida. Diferente dos estoicos (300 a.C – 200 d. C.), os signos eram compostos por três componentes: O *semaion* (significante), *lékton* (significação) e *tyghánon* (objeto referido). Para eles a relação estava em tudo aquilo que era real.

Passando do período clássico para o medieval podemos encontrar vários temas abordando as questões semióticas. Para essa época, o signo passa a ter um sentido mais lógico. Os signos tem o sentido de cognição. Na era medieval significar estava relacionado a colocar-se no lugar de, assemelhar, tudo através dos signos, segundo Gambarato ( p.206).

A história dos primórdios da semiótica chega ao final no início do século XIX quando os estudiosos passam a estudar os signos a partir de uma base racional chamada de Estruturalismo. Essa base é composta por um significante (coisa) sobreposta ao significado (representação) resulta na imagem acústica, segundo estudos de Saussure. A semiótica moderna foi desenvolvida por Charles Sanders Peirce, com a semiótica americana num contexto mais filosófico. Outras escolas surgiram ao longo dos tempos, como a Escola Russa.



## Semiótica como método

A pesquisa necessita de um método como instrumento de estudo para que possa levar ao pesquisador a possibilidade de conhecer e problematizar determinado assunto. O uso de método na semiótica propõe pesquisas em diversos campos, respeitando o limite de cada ciência.

Ciência semiótica estuda a construção dos signos e dos sentidos. Elaborar trabalhos acadêmicos utilizando a semiótica requer muito estudo e dedicação. Iasbeck (1996) explica o signo como tudo aquilo que nos chega da realidade, não é a realidade inteira, mas uma parcela dela. Então tudo que existe é um signo, pois mesmo não sendo palpável ele existe, na nossa mente a partir de uma determinada representação. O texto é junção de signos e significados, pois [é] um conjunto composto de fundamento do signo, das marcas que ele carrega do objeto que representa e dos demais signos que o acompanham, que interpretam. (pg 195)

E para colocar em prática o método semiótico, o pesquisador deve começar com projeto de estudo. É no projeto que deverá constar objeto que pretende analisar, as hipóteses que levam ao resultado final entre outros elementos. Um projeto que elege a semiótica por fundamentação tende a ser dinâmico, autotransformável (IASBECK, p. 196).

Para Pierce<sup>4</sup>, tudo deve ser posto à prova. Isso se dá quando uma conclusão é exposta a experimentação. Ele denominou esse fenômeno de pragmatismo. Hoje o senso comum chama de pragmática a pessoa que se disciplina a só crer numa teoria que seja prática, que se converta em algo testável (p. 197).

Mas a escolha por um objeto a ser estudado torna-se um fator difícil, pois o pesquisador tende a afunilar ao máximo até chegar no produto esperado. Depois disso ele precisa problematizar o objeto, a fim de extrair as reais necessidades de estudo a cerca do tema. Todo problema precisa de respostas. Se não à resposta, então deve-se criar o problema na falta de resposta através das hipóteses.

Iasbeck diz que para Pierce toda hipótese é uma sensação de verdade, ou seja, nós só levantamos hipóteses sobre aquilo que vislumbramos (p. 199). Isso quer dizer que o pesquisador só vai trabalhar em determinado tema se houver compatibilidade com o interesse pessoal ou conforto diante do fato proposto.

Todo trabalho semiótico envolve mais de uma pessoa, o *outro*. Esse *outro* carrega grande importância dentro da pesquisa, pois há a necessidade da comunicação, da interação

---

<sup>4</sup> Charles Sanders Pierce considerado o pai da semiótica moderna, estruturalista.



com ambientes externos. Iasbeck diz que esse fato só há sentido na comunicação – e também só há comunicação, uma vez que o processo existe em função do sentido – quando surge a relação [emissor e receptor].

Envolve a busca da verdade sobre determinado fato. A semiótica da cultura estuda o envolvimento da sociedade em diversos aspectos da vida humana. A cultura é tudo aquilo de material e imaterial produzido pelo homem. Seu teórico é Yuri Lotman e as teorias desenvolvidas por ele eram estudadas nas escolas de Tartu e Moscou.

A semiótica Russa tem base na cultura social, material e mental. Social é relação de indivíduos capazes de se comunicar e socializar, através de envio e resposta de mensagens enviadas. Material são os artefatos produzidos pelos indivíduos de cada sociedade, compreendido entre eles. Mental é a criação de códigos usados e mentalidades específicas.

Cada cultura está inserida numa semiosfera. Estes segmentos estão estruturados em códigos. Para Posner<sup>5</sup> (1995) O conjunto de esferas podem ser classificados em: extracultural (desconhecida), não-cultural (oposição a cultura), culturalmente periférico (parte da sociedade, mas não é a principal) e culturalmente central (identidade).

Quando essa sociedade começa a perder sua identidade acontece o processo de dessemiotização. É quando sai do centro para a periferia. Agora, no contrário, quando um artifício pouco presente na cultura do indivíduo passa para o centro, chama-se semiotização.

### **Análise da fotografia de Felipe Brendo no site da 93.3 fm em Roraima**

As fotografias em publicações jornalísticas surgiram no início do século XIX, e desde então são usadas para retratar a imagem do fato. Segundo Oliveira (2009) a imagem humana é protegida pela Constituição Federal, artigo 5º que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito de indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”.

Porém alguns profissionais utilizam de imagens relacionadas a tragédias para chamar a atenção de seus leitores. Para Angrimani (1995) profissionais que utilizam de conteúdos sensacionalistas procuram sair dos “padrões sérios” da comunicação.

Sensacionalismo<sup>6</sup> é gosto ou busca pelo sensacional; meios de comunicação: uso e efeito de assuntos sensacionais, capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública, sem que haja qualquer preocupação com a veracidade.

---

<sup>5</sup> Comunicação na era pós-moderna. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 1995.

<sup>6</sup> Informação extraída do dicionário Houasis online.

Como o caso da imagem (figura 1) da tentativa de homicídio de Felipe Breno. Na matéria intitulada “CASO FELIPE BRENO: Vítima de tentativa de homicídio pode prestar depoimento à polícia” coletada da página web da radiodifusora Equatorial (93 fm) aparece a acusada sorrindo e a direita a cena do crime:

Figura 1: Nathália Gomes aparece sorrindo e ao lado rosto ensanguentado de Felipe Breno



Fonte: <http://www.93fmrr.com.br/portal/index.php?>

Mesmo com o desfoque colocado sobre a imagem é possível que veja o sangue de Felipe derramado no chão. A foto está colorida. O paradoxo do sorriso de Nathália e o acidente com Felipe gera um apelo emocional, característico de produção jornalística, como afirma Angrimani (1995).

Sendo a publicação feita num *ciberespaço*, o conteúdo perde a regionalização e ganha o mundo. Levy (1996) aponta desterritorialização como o movimento do texto em qualquer lugar do planeta.

A imagem será analisada de acordo os preceitos da Escola semiótica da Cultura: Social, Mental e material. No contexto social encontram-se os websites de notícias em Roraima como cultura central:



### Semiosfera 1 - Cultura Social



A internet possibilitou a comunicação entre as pessoas e beneficiou os profissionais da comunicação com um vasto campo de disseminação de informação. Mas, nota-se que esse mesmo campo está sendo utilizado como propagandista de imagens consideradas cruas, ou seja, sem muito tratamento e de forma livre.

Porém, as redes sociais estão ganhando mais espaço. A imagem utilizada para ilustrar este trabalho também pode ser encontrada na rede social Facebook, que, ao contrário do site jornalístico, estava sem a película embaçada. É a mesma imagem.

Como cultura mental temos o direito de imagem reservado pela Constituição Federal para ressaltar a imagem humana:

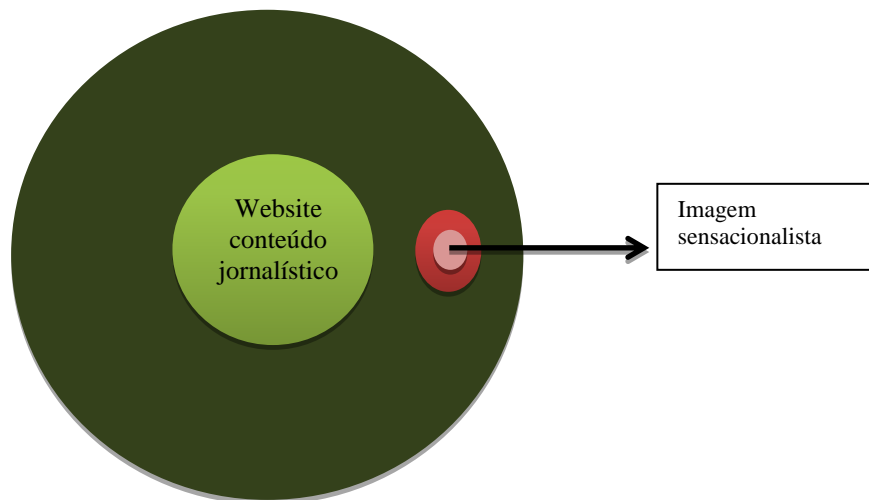
### Semiosfera 2 – Cultura Mental



Muitas pessoas acabam se impactando com determinadas imagens publicadas nos jornais. Ainda mais quando se trata de vida humana e animal, relacionada a sofrimento e solidariedade. A imagem é resguardada perante a Constituição Federal brasileira.

Na cultura material temos a imagem sensacionalista publicada no site da 93,3 FM (Rádio Equatorial FM), que mesmo fazendo parte do contexto jornalístico não o configura como o tal, conforme Posner (1988), isto é não-cultura para o jornalista administrador de website.

### Semiosfera 3 – Cultura Material



Sensacionalismo, segundo o Dicionário Prático de língua Portuguesa, significa *s. m. Maneira de divulgar notícias, em tom espalhafatoso, de modo a causar viva emoção*. Ou seja, o jornalista que utilizou essa fotografia, usando de montagem com a imagem da acusada, poderia ter publicado intencionalmente a fim de causar comoção das pessoas que acompanhavam o caso.

A imagem sensacionalista está inserida no contexto jornalístico, mas ainda não caracteriza as matérias policiais como sendo, necessariamente, a base de sangue e morte. A utilização de fotos com pessoas em situação deplorável ou de risco atrai muitos leitores, neste caso internautas, para que haja maior visibilidade da empresa.

Conhecer a semiótica russa é apenas um dever do acadêmico de jornalismo em buscar mais conhecimento e aplicar nos fatos decorrentes no dia a dia. O uso indiscriminado de determinadas imagens está descaracterizando o jornalismo atual, deixando conhecido como sangue e degradação de imagem. O jornalista tem o dever de buscar os fatos, resguardando o direito de imagem do cidadão, além de usar de forma moderada os meios virtuais para propagação da notícia.



## REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. Editora Summus, 1999.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo; Atlas, 2005.

GAMBARATO, Renira Rampazzo. **Signo, significação, representação**. PUC- SP.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. Método semiótico. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 193-205.

LEVY, Pierre. **O que é virtual?** Coleção Trans. São Paulo: Editora 34, 1996.

POSNER, Roland. O Mecanismo Semiótico da Cultura. In: RECTOR, Mônica. NEIVA, Eduardo. (Orgs.). **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**. 4ª edição, São Paulo: Annablume, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. **Aristóteles e Peirce: Os substratos para a compreensão lógica dos processos semióticos**. UFT.